

TRIBUNA Livre

8
MIO
1971

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

INFORMAR SEM DEFORMAR

O ciclo de conferências levado a efeito pelo Instituto de Altos Estudos Militares, que temos acompanhado com atento interesse através da imprensa, é digno de inteiro aplauso, não só pela oportunidade e riqueza dos temas abordados, como também, e muito particularmente, pela autoridade intelectual dos oradores convidados.

Avolumando a pléiade de valores que ali têm desfilado, acaba de subir à tribuna da sala de conferências daquela instituição, o ilustre Secretário de Estado da Informação e Turismo, Dr. César Moreira Baptista, para apresentar uma longa e judiciosa exposição subordinada ao tema «Opinião Pública e Meios de Comunicação Social».

A experiência adquirida ao longo dos anos, primeiro, como Secretário Nacional da Informação, depois, sucessivamente, como Subsecretário e Secretário de Estado da Informação e Turismo, confere ao conferencista plena autoridade na matéria versada, pelo que a apresentação do seu trabalho constituiu momento alto de objectividade, clareza e oportunidade.

Informar sem deformar,

converter a divulgação de factos e de ideias num meio consciente de «acção dinâmica», num instrumento de utilidade pública ao serviço da ordem, do progresso, da verdade e da justiça — que o mesmo é dizer num meio de defesa permanente dos legítimos interesses da Nação — eis, em poucas palavras, a súpula essencial da brilhante exposição do Dr. César Moreira Baptista.

A força que dimana da imprensa escrita, o seu poder de penetração social, a disponibilidade material do

seu conteúdo e a sua deliberada e inevitável influência em todos os meios, são um facto sem contestação nos nossos dias. Essa força, porém, assemelha-se um pouco à acção dos fenómenos da natureza. O vento que faz mover as mós de um moinho, que faz singrar um barco à vela, que agita as folhas verdes e refresca a terra, também pode destruir edificações, encapelar furiosamente as águas dos mares e arrancar pela raiz árvores velhinhas de séculos.

(Continua na 4.ª página)

Natação nas Escolas Primárias de Lisboa

Integradas num plano de fomento da Nataçao na Escola Primária e na sequência das acções já realizadas em Coimbra e Évora, vem tendo lugar em Lisboa um conjunto de actividades tendentes a ministrar o ensino da Nataçao ao maior número pos-

sível de alunos deste grau de ensino.

Para o efeito estão a utilizar-se as horas disponíveis das piscinas cobertas e aquecidas do Instituto Superior Técnico, do Sport Algés e Dafundo e da Câmara Municipal de Lisboa no Arieiro.

Nesta primeira fase e considerando o número de horas utilizáveis, estão a ser abrangidas as Escolas Primárias números 14, 63, 64, 142, 144, 152 e as Escolas Maculina e Feminina de Algés.

Os alunos, acompanhados pelas empregadas das Escolas e pelos respectivos professores Primários, deslocam-se em autocarros até às piscinas, onde pessoal docente qualificado os inicia na prática da Nataçao.

Após a aula e antes do regresso à Escola é distribuído, a cada criança, um copo de leite fortificado.

Estas actividades montadas pela Direcção-Geral dos Desportos e integradas num plano de fomento desportivo, têm o apoio da Direcção-Geral do Ensino Primário e das Administrações das piscinas referidas.

Neste momento está em curso uma extensão das acções à cidade do Porto utilizando as piscinas do Clube Fluvial Portuense e do Futebol Clube do Porto e cuja estrutura é semelhante à de Lisboa.

Uma cidade para os amadores do perigo

— O cálculo de três milhões de mortos feito em relação às vítimas de tremores de terra, durante os últimos catorze séculos da nossa era não passará, muito provavelmente, de uma fantasia como qualquer outra, para satisfação dos estatisticomaníacos; parece-nos impossível, com efeito, ter uma ideia aproximada sobre o assunto, principalmente se nos lembrarmos de que a maior parte das regiões do globo sujeitas a tal flagelo só desde há duzentos ou trezentos anos — e em muitos casos nem tanto — se encontram franqueadas à investigação científica. Vá lá alguém calcular, por exemplo, quantas vítimas terão causado os terremotos na Indonésia ou na América do Sul antes dos europeus ali se haverem fixado...

Muito mais dignos de crédito são os números fornecidos quanto à frequência média de tal fenómeno: anualmente, os sismógrafos de todo o mundo registam cerca de quinhentas mil perturbações sísmicas, distribuídas pelos doze graus da escala classificadora (neste caso a de Mercalli), que vai desde o de imperceptível até ao de grande catástrofe. A maioria pertence, felizmente, ao primeiro grau e não são mais de dez mil por ano os que merecem, e justificam, classificações superiores às de «muito forte» ou de «ruinoso».

Porca prolifera

O sr. José da Silva Pinheiro, nosso assinante, residente na freguesia de Fiscal é motorista da V. A. M. e da sua vida doméstica faz parte uma porca que deu à luz quinze leitões que regalam a vista e hão-de regalar-lhe a carteira daqui por dois meses sem qualquer despesa com parteira e enxoval, apenas poderá agradecer a Santo António, único advogado conhecido que протеje gratuitamente o reino a que pertencem os recém-nascidos.

Felicitemos o felizardo porque a porca já está felicitada por tanta família.

Temos em Portugal, quanto a tremores de terra, um grande saber todo ele de experiências feitas. A mais recente — cuja recordação ainda hoje tira o sono a muita gente — foi a da madrugada de 28 de Fevereiro de 1969; a mais notável continua a ser, como se sabe, a do primeiro de Novembro de 1755, até pela sua função de memónica histórica, quanto ao Marquês de Pombal; mas os arquivos e as enciclopédias dão-nos conta, pelo menos, de mais quatro sismos «portugueses» de consequências trágicas — o de 1344, que destruiu parte do actual bairro da Sé, o de 1531, que derubou mais de mil e quinhentas casas, o de 1597, que fez desaparecer três ruas in-

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Já li e já ouvi dizer que a Publicidade é a maior alavanca do mundo. Será. Ei por bem conformar-me. Que hei-de fazer... Aguardar!

O «Osservatore Romano», jornal do Vaticano, pela pena excepcional de Renato Lefebvre (até se confunde com o grande filósofo, também ainda pertencente ao número dos vivos Henri LeFebvre), que foi funcionário da Presidência do Conselho italiano e antigo professor especialista em assuntos monetários e coloniais, vem tratar da «Moda e o respeito por si próprio». E, a certa altura, o ilustre professor tem esta tirada:

«Eles próprios (fala de jovens exuberantes como se apresentam; de mini-saia, micro-saia, maxi-saia aberta sobre vestidinhos ultra-curtos) são vítimas dum estado cuja responsabilidade está muito acima deles, quanto a idade, situação social ou política».

Por mim, Leitor, não estou de acordo com o protesto do ilustre professor. Até porque ele próprio, cuja idade desconheço, mas presu-

(Continua na 4.ª página)

Mini-Gazeta

Foi o que li nos jornais!
Lá, na Póvoa de Lanhoso
Houve um caso curioso,
Esquisito e comatoso,
Qu' está fora dos anais.

Então, a contestação
Bendita por toda a gente,
Também já está na mente
Das costelas d' inocente
Ficar em caramanchão?

Pois, por artes e berloques
Amachucou-se um rapaz!...
— É o diabo que as faz!
E até foi tão capaz,
Que num padre fez remoques.

Assim, este deu-se ao luxo,
Para expulsar o diabo
Do corpo do desgraçado,
Te-lo bastante tosado
Ajudado por um bruxo!?

DAVUS

Em cada Parágrafo uma Notícia

A necessidade de se manter vivo o culto da Virgem Maria na Igreja Católica foi há dias salientada, no Santuário de Fátima, pelo Bispo titular de Tigilava e auxiliar do Patriarca de Lisboa, Senhor D. António Ribeiro, ao dirigir-se a 350 jovens portugueses do movimento católico «Oasis», que ali realizaram o seu encontro nacional. «Por vezes, invocando falsamente o Concílio, não falta quem hoje queira diminuir o lugar de Maria Santíssima na vida cristã. Pode dizer-se até que Nossa Senhora é hoje a grande desconhecida» — lamentou o prelado.

* * * *

O valor das exportações do vinho do Porto realizadas o ano passado elevou-se a perto de seiscentos milhares de contos — exactamente: 592 069 636 escudos. O valor mais alto até agora obtido tinha sido registado em 1968, com 535.675.304 escudos. A diferença representa um aumento de 10,5 por cento.

* * * *

Duas dezenas de industriais ingleses chegaram há dias a Lisboa, a fim de estabelecerem contactos com importadores e exportadores portugueses.

* * * *

O semanário católico da diocese do Porto «A Ordem» completou cinquenta e oito anos de publicação. É seu director o prof. José Ruiz de Almeida Garrett, da Universidade do Porto sendo seus principais colaboradores dois sacerdotes: os Rev. dos Padres António Pacheco e Domingos Pacheco.

* * * *

Em visita às obras missionárias de Angola encontra-se naquela província o Senhor D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro e presidente da Comissão Episcopal dos Seminários da metrópole.

* * * *

Elevou-se a 400 000 toneladas o minério de ferro proveniente das minas de Cassinga, em Angola, exportado durante o mês de Abril pelo porto de Moçâmedes,

no Sul daquela província. Com os onze embarques ali realizados durante aquele mês e destinados à República Federal Alemã, à França, à Bélgica, ao Reino Unido e ao Japão, subiu para cerca de 1.509 000 toneladas o total de minério exportado desde o princípio do ano.

* * *

A fim de desembarcar um tripulante doente, escalou o porto da Horta, nos Açores, o cargueiro russo «Mettalurg Bardin». O marítimo russo, que ficou em terra acompanhado por um oficial de bordo, foi, entretanto, operado no hospital local.

* * *

Foi requerida autorização para instalar em Luanda uma indústria de litografia-tipografia com a capacidade de produção de doze mil impressos por hora. Por outro lado, a missão católica de São José Operário pediu para instalar na cidade do Negage, distrito do Uije, uma oficina de tipografia, como escola de artes gráficas para os seus educandos.

A Federação Portuguesa de Patinagem pediu à Federação Internacional que o Campeonato Mundial de Hoquei em Patins de 1974 se realize em Luanda — notícia o vespertino luandense «ABC», acrescentando que os dirigentes locais da modalidade trabalham já com vista a esse possível torneio mundial.

* * * *

No campeonato regional de atletismo, disputado em Lourenço Marques, a atleta Conceição Vilhena bateu o recorde nacional português dos trezentos metros, na categoria de juvenis, com o tempo de 43,5 segundos.

* * * *

Cerca de duas mil pessoas tomaram parte numa festa de confraternização do pessoal do porto de Bissau e respectivas famílias, realizada nos terrenos anexos ao liceu. A festa culminou com uma refeição em que foram consumidos sete vacas, oito carneiros, oito porcos e cem galinhas.

* * * *

Chegou a Bissau, vindo de Angola, o novo rebocador «Guine», que vai entrar imediatamente ao serviço daquele porto. Foi construído nos estaleiros navais do Lobito e importou em nove milhões de escudos.



**COMPANHIA DE
SEGUROS, DOURO,
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS**

FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

Amares

Visado pela C. de Censura

RICO E POBRE

(Continuado do número anterior)

se se chegasse a descobrir a verdade iam ter com toda a certeza a um presídio tanto eu como Luís. O caso era grave, e posso jurar-te Rosa que passei bocados bem amargos e que me arrependi muitas vezes do que tinha feito, só para fazer um favor a um amigo e para que a ti nada te faltasse. Decorreram alguns dias. Uma noite Luís veio procurar-me ao café, e disse-me que seu tio, desesperado de estar preso sendo inocente, lhe tinha dito que procurasse um bom advogado, pois tinha algumas suspeitas que só revelaria ao seu defensor. Isto fez-me sobressaltar, e perguntei a Luís o que tencionava fazer.

—Pôr termo à minha vida—me disse ele.

—Isso é um disparate—lhe respondi eu.

—Quero declarar a verdade e salvar meu tio.

—Porém a tua declaração compromete-me... ajuntei.

—Sei que tu não tens culpa alguma; declarei por conseguinte que eu sou o único culpado.

—E Rosa?—perguntei-lhe.

—Assegurei o seu futuro; porém para isso preciso que me arranjes uma coisa que me falta. Creio que o poderás fazer, pois sei que tens um amigo boticário.

—E que te falta?—volvi eu com certa curiosidade.

—Um veneno que não deixe vestígio algum no cadáver e que cause uma morte suave.

A narração de Fernando, composta a seu modo, ia tomando um caminho interessante para Rosa.

—Ao princípio—ajuntou Fernando—puz-me a rir; porém Luís insistiu tanto que tive a loucura de aceder aos seus desejos. Fui tão névio, que falei a um amigo meu, boticário, alcancei o veneno e dei-o a Luís.

E Fernando, detendo-se e fixando um olhar na sua amante ajuntou:

—Porém sabes o uso que Luís fez do veneno?

—Oh! Assusta-me, Fernando acaba por uma vez.

—Pois bem, minha querida; Luís serviu-se do veneno para envenenar seu tio, o homem que lhe tinha servido de pai.

Rosa exalou um suspiro e cobriu o rosto com as mãos. Fernando continuou:

—Prudência, Rosa; a última coisa que Luís pode é comprometer-nos. Ficas sabendo de que é capaz o teu amante. Aquele que envenena um pobre ancião é capaz de tudo. Acredita-me; aproveita a ocasião, trata de reunir alguns fundos, e fujamos de Madrid. Não te abandonarei nunca; se Luís tiver o atrevimento de te procurar para te pedir contas da tua conduta, não te dê cuidado, eu me entenderei com ele.

Rosa não pôde conter as lágrimas. Naquele corpo pervertido residia uma alma que ainda não tinha de todo perdido a pureza. A terrível revelação que acabava de lhe fazer Fernando tinha-a aniquilado.

Luís era um parricida. A lei, inexorável tratando-se de crime tão repugnante, podia cair sobre ele de um momento para outro, e Rosa temia que essa lei a julgasse a ela cúmplice e a castigassem ihualmente.

—Vejo que te fez grande sensação o que acabo de dizer—tornou Fernando; — porém recomendo-te serenidade. Tu és inocente dos crimes de Luís; podem chamar-te amante dele, mas não cúmplice. Agora dar-te-ei um conselho; foge de Luís. Fazendo isso, poderás dizer: «Quando soube que era um assassino, rompi as minhas relações com ele, e fugi doseu contacto.» Isto elevar-te-há aos olhos dos juizes e serás absolvida.

—Porém se eu fujo, como me aconselhas, levando comigo o que pertence a Luís, ele não me poderá acusar de o ter roubado?

—E que importa isso?—redarguiu Fernando—Se eje disser que fugiste levando um dinheiro que era seu, responderás que mente, que que é um caluniador; porque um homem acusado dos crimes que Luís praticou tem pouca força perante os juizes.

Rosa estava abismada. A sua situação espantava-a.

—É preciso, pois,—ajuntou Fernando— que não percas a serenidade. Agora mais que nunca necessitas inspirar-lhe confiança. Seria uma tolice desligar-te dele e ficares tão pobre, como antes de o conhecer. Porém vejo que não comes e que estás preocupada.

E Fernando, rodeando com um braço a cintura de Rosa, acrescentou com acento apaixonado:

—Não receies nada. Estarei sempre a teu lado para te respeitar. Olvidemos por alguns momentos esse homem do qual espero livrar-te em pouco tempo, e ocupemo-nos de nós. A solidão do campo e um horizonte sereno convidam ao amor, e a vida, minha querida Rosa, não vale um só dos muitos desgostos que nos custa.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Vir à Feira Nova ao domingo é contemplar um super-mercado cheio de surpresas no leilão de prendas destinadas ao numeroso público que as paga para custear as despesas elevadas com as festas a Santo António a realizar no próximo mês de Junho. Não sei como tanto doce e petiscos que aparecem no bazar poderá ser agradecido pelo homenageado que teve a sorte de festejar o seu aniversário num mês quente quando os rolos também fazem parte do festim do Egrégio mantenedor do crédito indiscutível da Universidade de uma Igreja que é um ninho de felicidade para quem quiser compreender.

Todos devemos a Santo António a compreensão das necessidades físicas da vida animal e as promessas pagas são um testemunho do seu prestígio miraculoso na vida terrena. Concluimos dizendo como Ladoisier; nada se cria nada se perde mas tudo se transforma. Mas o que ficará sem transformar é o espírito do homem de inalteráveis doutrinas.

Foi neste ponto que se enganou o grande sábio francês: Depois da matéria há mais muito mais, que as cinzas não podem destruir nem Deus consentia que se apagasse a Sua Luz.

Admiramos e contemplamos o futuro de Portugal num prédio em construção na Feira Nova destinado à mocidade estudantil que tem à porta de casa aquilo que só em Braga havia. As ruas e vielas da cidade deixarão de ser o alcepo da inocência que a vigilância policial e familiar não podia evitar. O segundo ciclo liceal será em Outubro próximo ministrado na Feira Nova e os pais dos e das jovens poderão vigiar o seu comportamento e aproveitamento.

O Ministro das Obras Públicas, gentil e generoso para com as necessidades provincianas, esclareceu-me as razões porque a ponte sobre o rio Cávado em Ancede não pode ser considerada imediatamente. Navarra ficará até qualquer dia no espírito do Governo e das autarquias como terra merecedora de protecção e da ponte pedida. Mas para já poder maior se alevanta.

Mini-Gazeta ocupa na primeira página da Tribuna lugar de merecido destaque. Não sei se a Mini Gazeta inserta no número de 24 de Abril desprestigiara o autor com a demazia na extensão de qualidades de quem se não julgava credor de uma amizade, respeito e estima

de pessoa tão categorizada no mundo da honestidade intelectual.

Há-de chegar a hora de poder agradecer ao autor da Mini-Gazeta ainda que tenha de passar antes de morrer procuração, a quem ficar para para me representar.

O novo edifício da Casa do Povo da Feira Nova, quasi concluído, foi visitado pelas autoridades concelhias que constatarem como nós, a dívida de gratidão ao Governo que não deve ser saldada só com palavras.

O povo de Amares está tão cheio de benefícios escolares e rodoviários que devem pedir como nós, a preença do querido Presidente da República para poder avaliar o respeito que merece essa nobre figura de marinheiro e de Estadista que à Pátria tem dado todo o vigor do seu espírito com grande sacrifício do seu sossego para terminar a espinhosa missão com honra e glória para o povo português.

Um caudal humano invadiu Barcelos para assistir ao princípio das festas das Cruzes. O último domingo entusiasmava pelo belo dia e e pela bela festa e para fugir aos apertos saí da zona mais movimentada e deparei com um prédio com uma placa com a seguinte inscrição:

Aqui nasceu o Condestável D. Nuno Alvares Pereira

Se não fossem os apertos ainda não sabia hoje aonde nasceu o grande herói.

Elísio Gonçalves

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	50\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro e Províncias Ultramarinas	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Vida Abençoada

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, a sra. Filomena Rosa Dias Antunes e o sr. Bernardino Carvalho Ribeiro.

Amanhã, o sr. Arnaldo Alves Vitoriano.

No dia 10, a menina Maria do Carmo Ferreira da Costa.

No dia 11, a sra. Ermelinda Tinoco Paredes e o sr. João Barros Quiroz.

No dia 12, as sras. Maria Madalena Ferreira Gonçalves e Ana Fernanda da Silva.

No dia 14, o sr. José Gil Macedo.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades e faz votos de longa vida.



Tribunal Judicial da Comarca

— DE —
AMARES

ANÚNCIO

— No dia 12 do próximo mês de Maio, pelas 15 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, na execução sumária que neste Tribunal corre seus termos e em que é exequente João da Costa Braga, casado, comerciante, de Ponte de Lima e executado Manuel de Sousa Gonçalves Lima, casado, comerciante, que residiu no lugar de Lamoso, freguesia de Caldelas, desta comarca, ora ausente para parte incerta, vão à praça pela SEGUNDA VEZ, para arrematarem ao maior lance oferecido acima de metade do valor indicado no processo, diversas serras e motores eléctricos existentes na fábrica de serração sita naquele lugar e freguesia e que fora do executado.

Amares, 24 de Abril de 1971

O Escrivão de Direito,

a) José Maria Crespo Pimenta de Castro

— VERIFIQUEI —

O Juiz de Direito:

Alfredo Jaime Menéres
Correia Barbosa

Sê tu generoso... defende os interesses da tua terra.

Trovas Soltas

(Saudando o Minho)

Minhó formoso,
Cantinho mimoso,
Provincia garrida;
Belezas encerras
Em vales e terras
Da pátria querida.

Teu povo garboso
Em honra brioso
Não sente revés;
Altivo decente,
Minhoto valente
Na sua altivez.

Paisagem Minhota
Ao certo denota
Beleza concreta.
Perfumes e flores...
Oh terra de amores
Dos filhos dilecta.

Os rios sussurram.
As fontes murmuram
Nas serras virentes
As frondes enleiam
E nelas gorgeiam
As aves contentes.

As moças são rosas...
Cachopas formosas,
Minhotas de enlêvo
À terra mui querida
Dão alma, dão vida
Num celso relêvo.

Realce jucundo
Em canto fecundo
De grato valor.
Um carme festivo
Ao berço nativo
Num hino de amor!

Eu te saúdo, ó Minho, em ter nascido,
Louvando e bendizendo o teu passado:
Tu és de Portugal o mais florido
«Jardim da Europa á beira-mar plantado»!

«Tendes falta de paz ou de alegria?
Demorai-vos, aqui, por um momento!
No Minho, a luz desfaz a nostalgia
E transforma em prazer o sofrimento!

CERQUEIRA

À atenção do pessoal da Câmara

Há dias, à noite, enorme quantidade de canalha (alguns já mocinhos) resolveram fazer do Jardim parque infantil e jogando ao *esconde-esconde*, tudo calcaram pondo em risco a vida de pequenas árvores ali há pouco plantadas e que tanto embelezam o largo, além do infernal barulho que não deixa descansar os moradores das redondezas do mesmo.

Não seria bom que a Câmara tomasse providências?

* * *

Outro aspecto triste desta canalhada é a fiska com que abatem indefesas aves agora

em criação. Nas árvores do jardim reparamos que ainda há dias um garoto tentava a todo o transe e em pleno dia desfazer à fiska um ninho.

Não conseguiu os intentos porque pessoa respeitável o evitou pondo em debanda o «formusura de menino» e como esse há tantas «formusuras» cá na vila. E o mais triste é que nesta altura do ano passam por aqui muitos estrangeiros que param a presenciar as nossas belezas e se se lhes depara meninos a matar pássaros de certeza que não vão fazer boa propaganda quando regressem aos seus países.

La Varende, num livro póstumo, fala de marinheiros, do amor e da honra

Nascera numa ilustre família de marinheiros, os Strozzi, tinha apenas 20 anos e era «admiravelmente bela e orgulhosa, aromática como um gerânio e dura como um rubi». Encontraram-na em 1770 escrava dos piratas os cavaleiros de Malta, ao tomarem de abordagem uma fragata do Turco, mas não tardou que outros piratas atacassem com um navio mais poderoso a galera dos cavaleiros. Quis então a jovem subir à ponte do comando e ali, admirável na coragem como o era na beleza, enquanto à sua volta ferozmente se combatia, ela, soberba, quase cruel, indiferente aos gritos dos feridos e ao estertor dos agonisantes, nunca deixou de rir, nem mesmo quando uma bala lhe arrancou o leque das mãos e outra lhe desfez o penteado. Até que o comandante da galera lhe suplicou:

— «Ainda que seja só por três minutos, Senhora, finja ter medo, para que os meus homens se sintam... a inda mais bravos.»

* * *

Em Abril de 1816 o capitão Jean de Keraul comando o «brick» da marinha de guerra francesa «Vulcain», ancorado na barra de Cowes, entre navios da esquadra inglesa.

Era o capitão o último de uma família fidalga. Todos os seus irmãos haviam caído pelo Rei, na luta contra a Revolução, menos um, que morrera pelo Imperador, em Waterloo. E ele próprio envelhecera no exílio, duro que nem ferro. «Um reaccionário», como hoje se diria.

Ora numa dada manhã a bandeira tricolor apareceu, no navio inglês mais próximo, içada, num desafio, por sobre as sentinas. Pediu o comandante do «brick» que fosse dali retirada. Negou-se o comando inglês, argumentando que já não era o pavilhão nacional de qualquer país. Mas o capitão Jean de Keraul iusistiu:

— «Durante vinte e três anos foi o orgulho da minha pátria e por ela morreram dois milhões de homens.»

— Não posso — limitou-se a retorquir o inglês, friamente.

Então o homem que durante os mesmos vinte e três anos se batera pelo seu Rei precisamente contra os exércitos da tricolor voltou-se para a tripulação e «com uma voz seca, incrivelmente neutra», ordenou:

— «Posições de combate. Cada um ao seu posto.»

Logo, porém, que foi sabedor do que se passava, o almirante inglês mandou retirar a tricolor, depois do que

ordenou fossem apresentadas desculpas.

* * *

De Nantes desaparecera, em 1840, um menino de 12 anos, mas não tardou que se soubesse como: desejoso de aventuras, embarcara, moço de bordo, no veleiro «Coralie», em viagem para as Antilhas.

Felizmente, o veleiro, antes de se fazer ao alto-mar, escalava Plaimboeuf e para ali correu o pai do menino, homem respeitável, que assim recuperou o filho e no receio de voltar a perdê-lo o obriga então a jurar que nunca mais ele viajará *senão em sonhos*.

Chamava-se Júlio Verne o menino de Nantes desejoso de aventuras.

* * *

Em 1890 o jovem Jean-Marie da tripulação de uma fragata de quarenta canhões, a «Caroline», é o único a salvar-se do naufrágio e a nado, nu como um verme ou como um deus, consegue chegar a uma ilha do Pacífico, habitada por canibais. Mas não o devoram; apaixonou-se por ele a rainha e serve-lhe as melhores iguarias, coroa-o de flores, põe-lhe sobre os ombros um manto real, manda às virgens mais belas da tribo que o embalem na sua rede e nem sequer se mostra ciumenta...

Até que um dia se avista uma vela no horizonte; logo Jean-Marie se despe, se atira à água e nada, afastando-se da ilha, enquanto na praia a rainha se lamenta:

— «Oh filho de rei, pai de reis, que era que, aqui, te faltava?»

E Jean-Marie, que por um segundo se detem, responde:

— «... manque um bistrot.»

Em português:

— «... faltava-me um tasco.»

* * *

La Varende, o opulento e vigoroso prosador do «Nez de Cuir» e de «Les Manants du Roi», era de uma família de marinheiros, neto de um almirante — e só a sua miopia o impediu de ingressar na academia naval. Mas o seu amor pela marinharia e a sua atávica nostalgia dos grandes espaços marítimos não o levaram apenas a coleccionar (e mesmo a talhar, nas horas vagas, inéditos, mais de cento e vinte pequenos contos «exemplares» tendo por tema invariável proezas de marinheiros ou aventuras no mar.

São setenta desses contos — perfeitos de forma, admiráveis de sabor e de graça — os que constituem, numa belíssima edição da «Plo», o

volume «Des marins, de l'honneur et des dames», que o filho do escritor, Eric de la Varende, teve a gentileza de me enviar, por sugestão do nosso comum amigo Patrick de Beaucaron. E são quatro desses contos precisamente os que tive o atrevimento de resumir, na impossibilidade manifesta de os reproduzir integralmente, com todo o seu cheiro intenso a algas e a pólvora — e todo o perfume de um passado, ao serviço do qual apaixonadamente viveu e escreveu, sensível às suas glórias e aos seus dramas, fiel (com uma fidelidade inquebrantável de «chouan») ao seu espírito e às suas instituições, o empolgante e singular prosador que foi La Varende.

Uma cidade para

os amadores do perigo

(Continuado da 1.ª página)

teiras no sítio de Santa Catarina, e o de 1909, cuja fúria destruidora vitimou, sobretudo, a área de Benavente, no Ribatejo.

Neste aspecto, Lisboa é das mais inseguras capitais europeias. Compreende-se, portanto, que uma das preocupações dominantes num recente colóquio promovido pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil, com a colaboração do Grupo Português de Engenharia Sísmica e do Grupo Português de Engenharia de Estruturas, tenha sido o estudo das condições de segurança antisísmica requeridas pelas futuras edificações, designadamente aquelas com mais de vinte andares e que, embora raras na actualidade, serão, sem dúvida, numerosas dentro de poucos anos. Em quase todas as comunicações apresentadas nesse colóquio o tema foi esse inimigo invisível e imprevisível que se chama o tremor de terra, contra o qual, por enquanto, a ciência dos homens não encontrou remédio preventivo.

Parece-nos excelente que os engenheiros portugueses se entreguem à tarefa de tor-

(Continuado da 1.ª página)

Perante tal alternativa, é preciso que a imprensa portuguesa, com força actuante e indiscutível que hoje é, seja um estímulo constante ao trabalho, à disciplina social, à defesa da integridade da Nação, em todos os domínios e manifestações, norteando firmemente a sua acção em prol dos autênticos interesses nacionais, pela denúncia e condenação das tendências negativas que certas «forças ocultas» fomentam, e pelo repúdio enérgico de tudo o que possa desfigurar e denegrir a verdade dos factos e a essência dos ideais nobres.

Como nos tem sido dolorosa a intencionalidade de certas afirmações gratuitas vindas a lume na imprensa estrangeira! Como afirmou o ilustre Secretário de Estado

da Informação, esse sensacionalismo, fruto da demagogia do nosso tempo, visa abertamente, pela universalização da chamada revolução cultural, «alterar as correntes profundas que estabilizam os valores autênticos na opinião pública numa nação».

Nesta luta quotidiana, tem a imprensa missão heróica a desempenhar, constituindo-se guarda avançada numa batalha que não pode perder — e não perderá — porque, possuída do equilíbrio e da serenidade que lhe permitem afrontar e destruir as insídias da anarquia e do radicalismo, saberá robustecer a capacidade de resistência moral do povo português, contra tudo e contra todos os que o menosprezam e hostilizam.

«É esta a opinião pública que temos de continuar a manter incólume», tarefa que, naturalmente, não poderá ser exclusiva da imprensa. Mas, uma acção de constante vigilância de todos os portugueses dignos e esclarecidos, unidos contra o boato, contra o derrotismo e contra a intriga, que deformem os factos, ofendem a verdade e confundem as consciências.

Silva Baptista

5.ª COLUNA

mo, nos vem dizer que a responsabilidade está acima da Juventude. E, por associação de ideias, recordei-me do nosso maior escritor, Eça de Queirós, — intimamente Fradique Mendes — quando dizia e observava, naquele tempo, a defeituosa querela entre o, então, actual e o jornalista.

Escreveu ele:

«E quem nos tem enraizado esses hábitos de desoladora leviandade? O jornal! Ele oferece cada manhã, desde a crónica até os anúncios, uma massa espumante de juízos ligeiros, improvisados, por entre o fervilhar de chalaças de rapazes que agarram em tiras de papel e escrevem sobre todas as coisas do céu e da terra.»

Eça, o Literato que escreveu cinquenta anos antes para cinquenta anos depois, já neste bocadinho da sua inconfundível prosa, nos advertia de que o jornalista era o publicitário que difundia as ideias modernas daquele tempo. E, ontem como hoje!... Renato Lefebvre, pensando que pode travar a evolução incaracterística do nosso tempo, engana-se redondamente, quando se refere à modernidade erótica em que se vive.

De resto, não compreendo muito bem que um especialista em finanças e colónias, venha tratar ou criticar a modernidade.

Que diz, Leitor?

EME ABRIL

Atenção Srs. Proprietários

Compro para construções de prédios, terrenos na Feira Nova ou proximidades.

— Dispensam-se intermediários —

TRATA... Francisco Gomes Cerqueira

AMARES